

Mário César Lugarinho

IDENTIDADE E LITERATURA EM PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Identidade e literatura em países africanos de língua portuguesa

◎ IDENTIDADE:

é um discurso que se ancora em torno de um corpo, a partir de um corpo, na sua espacialidade e na sua temporalidade; organiza-se como narrativa, criando uma ordem entre experiências corporais no espaço e no tempo; quando tomada de maneira coletiva, é comunitária (regional, nacional), porque busca em experiências comuns condições de extensão da “**mesmidade**” – “**outros**” são aqueles que não compartilha(ra)m das mesmas experiências (os grupos de “estranhos”).

Identidade coletiva e individual

- Identidades coletivas se constituem a partir de mitos, narrativas fundadoras que relatam a formação da comunidade.
- Na modernidade, a comunidade se converteu em nação e seus mitos fundadores, esvaziados dos sentidos sagrados, foram convertidos em História e Literatura.

Mito e identidade coletiva

- O mito é a fundação, a origem e o princípio de toda a Memória de um povo. Ao mito são agregadas as experiências quotidianas, o modo de organização doméstica e familiar, o poder político, a guerra, a religião, os hábitos de higiene e alimentação, enfim, toda a organização social. Entretanto, o mito não se estabeleceu através de leis ou determinações políticas, ele terá a sua estrutura impressa no quotidiano através das práticas religiosas que, nos rituais, promovem narrativas de fundo eminentemente sagrado determinando a escolha deste ou daquele ato como resposta mais apropriada para uma dada exigência. Qualquer situação de tensão, impasse, ou perigo iminente para uma comunidade seria resolvida a partir das indicações que o mito oferece em sua narrativa (cf. MIELIETINSKI, E. M. A poética do mito. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987).

Identidade nacional

- As (perspectivas) baseadas na “naturalidade” das nações simplificam o conceito (de nação), incluindo todos os tipos de grupamentos humanos na categoria de nações que remontam a períodos anteriores. As teorias que defendem a modernidade da nação e do nacionalismo ignoram as raízes históricas das comunidades étnicas que se transformaram em nações e mais tarde puderam ou não converter-se em estados nacionais (GUIBERNAU, Montserrat. Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 58)

Identidade nacional

- A identidade nacional, modernamente constituída, é o resultado da decadência dos mitos e da ascensão dos individualismos – ela estabelece espacialidades e temporalidades que submetem os agenciamentos aos dispositivos. Assim, a identidade nacional é um discurso resultante da construção do indivíduo sobre as ruínas do mito.

Nação e estado nacional

- É preciso compreender que não há uma coincidência entre os dois conceitos. A entidade política e jurídica do estado nacional, apesar de pretender representar a nação, não é a sua materialização imediata, nem, por isso, pode requerer o direito de instituir o discurso da identidade nacional. (cf. NEGRI, T & HARDT, M. Império. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 11-2).

Identidade e indivíduo

- ⦿ Apenas com a emergência do individualismo burguês passou-se a compreender a **identidade** como o conjunto de características que singularizam um indivíduo.
- ⦿ As características individuais dependem da capacidade de *agenciamento* do indivíduo; segundo Gilles Deleuze e Felix Guattari, *agenciamento* é a negociação estabelecida entre o indivíduo e os dispositivos de controle social (nas sociedades pré-industriais, os mitos; nas sociedades industriais e pós-industriais, as leis e as instituições sociais e culturais) com os quais se defronta e se confronta.

Marcadores identitários



4) Identidade nacional

3) Identidade de classe social

2) Identidade de raça / etnia

1) Identidade de gênero

Identidades pós-modernas

- Para aqueles teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentramento do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ªed. DP&A: Rio de Janeiro, 2006. p. 9).

Identidades

- As identidades emergem da narrativização do sujeito, (...) a natureza necessariamente ficcional desse processo não afeta a eficácia discursiva, material ou política das mesmas. As identidades constroem-se pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações práticas e discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas. (MENDES, José M. de O. O desafio das identidades. In: SANTOS, B. S. Globalização e ciências sociais. Campinas: Cortez, 2002. p.522)

Identidade e literatura

- O caráter institucional adquirido pela literatura no século XIX concedeu-lhe o privilégio de conter, naqueles anos de formação das culturas dos estados nacionais, o discurso fundador dos imaginários nacionais, instituindo modelos de agenciamentos que serviriam aos estados.
- A desestabilização histórico-cultural do século XX, destituiu o privilégio do literário, ao mesmo tempo em que as identidades se pulverizavam e ganhavam outros contornos, pondo em causa quaisquer tentativas de homogeneização.

Identities contemporâneas nas literaturas africanas de língua portuguesa

Reconstituição das identidades coletivas/nacionais

- ⦿ Escrita de mulheres
- ⦿ Crise da masculinidade
- ⦿ Emergência do “queer”
- ⦿ Expressões identitárias diversas – literariedade e performatividade

Escrita de mulheres

MUKAI*

(Paula Tavares, *O lago da Lua*)

1

Corpo já lavrado
eqüidistante da semente
é trigo
é joio
milho híbrido
massambala

resiste ao tempo
dobrado
exausto
sob o sol
que lhe espiga
a cabeleira.

2

O ventre semeado
deságua cada ano
os frutos tenros
das mãos
(é feitiço)
nasce

a manteiga
a casa
o penteado
o gesto
acorda a alma
a voz
olha p'ra dentro do silêncio milenar.

3

(Mulher à noite)

Um soluço quieto
desce
a lentíssima garganta
(rói-lhe as entranhas
um novo pedaço de vida)
os cordões do tempo
atravessam-lhe as pernas
e fazem a ligação terra.

Estranha árvore de filhos
uns mortos e tantos por morrer
que de corpo ao alto
navega de tristeza
as horas.

4

O risco na pele
acende a noite
enquanto a lua
(por ironia)
ilumina o esgoto
anuncia o canto dos gatos
De quantos partos se vive
para quantos partos se morre.

Um grito espeta-se faca
na garganta da noite

recortada sobre o tempo
pintada de cicatrizes
olhos secos de lágrimas
Dominga, organiza a cerveja
de sobreviver os dias.

.

* Mukai: - mulher

Crise da masculinidade

TEORIAS (João Melo)

Eu sou um homem moderno, li uns
livros
assimilei umas teorias
e acho pré-histórico privar as
mulheres
da sua própria liberdade
em nome do amor

Mas que hei-de sofrer muito
hei-de
se tiver de pôr à prova
essas teorias.

O JOGADOR (João Melo)

Mandei-te mil sinais codificados:
panos encomendados
de terras distantes
os melhores despojos
de minhas caçadas
olhares oblíquos
lançados de longe
Pacientemente tecia
a minha armadilha
como um solitário caçador
Sou especialista
em jogos secretos
Contudo os meus
arrojados lances
de nada valeram
O amor não é um jogo
de cartas marcadas

O QUE VOCÊS NÃO SABEM E NEM IMAGINAM“

(Eduardo White)

Vocês não sabem
mas todas as manhãs me preparo
para ser, de novo, aquele homem.
Arrumo as aflições, as carências,
as poucas alegrias do que ainda sou capaz de rir,
o vinagre para as mágoas
e o cansaço que usarei
mais para o fim da tarde.
À hora do costume,
estou no meu respeitoso emprego:
o de Secretário de Informação e de Relações Públicas.
Aturo pacientemente os colegas,
felizes em seus ostentosos cargos,
em suas mesas repletas de ofícios,
os ares importantes dos chefes
meticulosamente empacotados em seus fatos,
a lenta e indiferente preguiça do tempo.
Todas as manhãs tudo se repete.
O poeta Eduardo White se despede de mim
à porta de casa,
agradece-me o esforço que é mantê-lo
alimentado, vestido e bebido
(ele sem mover palha)
me lembra o pão que devo trazer,
os rebuçados para prender o Sandro,
o sorriso luzidio e feliz para a Olga,
e alguma disposição da que me reste

para os amigos que, mais logo,
possam eventualmente aparecer.
Depois, ao fim da tarde,
já com as obrigações cumpridas,
rumo a casa.
À porta me esperam
a mulher, o filho e o poeta.
A todos cumprimento de igual modo.
Um largo sorriso no rosto,
um expresso cansaço nos olhos,
para que de mim se apiedem
e se esmerem no respeito,
e aquele costureiro morro de fome.
Então à mesa, religiosamente comemos os quatro
o jantar de três
(que o poeta inconsta
na ficha do agregado).
Fingidamente satisfeito ensaio
um largo bocejo
e do homem me dispo.
Chamo pela Olga para que o pendure,
junto ao resto da roupa,
com aquele jeito que só ela tem
de o encabidar sem o amarrotar.
O poeta, visto-o depois
e é com ele que amo
escrevo versos
e faço filhos.

Emergência do “queer”

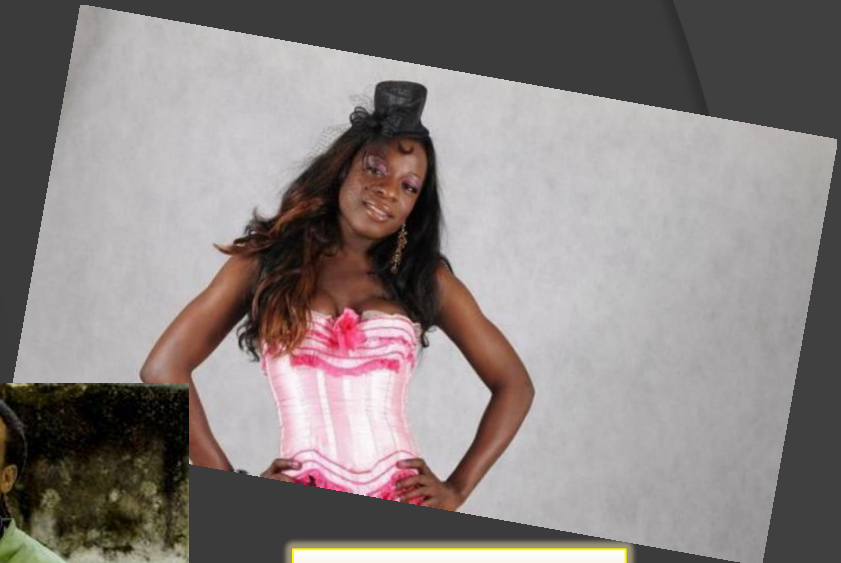
“Fusco gostava de tomar banho com as moças para soltar o seu lado feminino e expandir o seu jeito efeminado, para vestir as roupas de mulher e achar-se entre as mais gostosas. Ele fazia questão de lembrar a todos que era uma mulher num corpo de homem” (ROCHA, Evel. *Marginais*. Praia: Asa, 2010).

“Comias e gostavas, mas não era o que pensavas. E digo-te mais, não sou travesti verdadeiro. Gosto também de mulheres. Ganho dinheiro com os homens burros como tu, mal distinguem uma mulher de um homem. (...) tu fazias-me de mulher e eu comia a tua mulher.” (MONTEIRO, Fernando. “O travesti”. In: _____. *Na roda do sexo*. Praia: Soca, 2009.).

Expressões identitárias diversas – literariedade e performatividade



Pongolove e Buraka Som Sistema
- empoderamento feminino



Titica -
“queer”



Pacman -
trasculturalidade

